



Gabinete de Filosofia Medieval
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

13-14 Novembro 2008 Sala de reuniões

Faculdade de Letras
Universidade do Porto

Programa

João Duns Escoto
(c. 1265 - 1308)

Resumos

e as origens da
Filosofia Moderna

<http://web2.lettras.up.pt/ifilosofia/gfm>

Apoios:

U. PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Departamento de Filosofia da FLUP

Instituto de Filosofia (UI&D 502)

Organização:

Gabinete de Filosofia Medieval

Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande
do Sul, Porto Alegre

Província Franciscana Portuguesa

João Duns Escoto (c. 1265-1308) e as origens da Filosofia Moderna

12 a 29 de Novembro de 2008

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Via Panorâmica s/n

4150-564 Porto

http://web2.letras.up.pt/ifilosofia/gfm/?pagina=actividades&acao=ler_actividade&id_actividade=72

Comissão organizadora

José Meirinhos, Prof. de Filosofia Medieval, FLUP (pres. Com. Organizadora)

Maria Cândida Pacheco, Prof.^a Catedrática Emérita, FLUP – Presidente do GFM

Luis Alberto De Boni, Prof. de Filosofia Medieval, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

Roberto Hofmeister Pich, Prof. de Filosofia Medieval, Pós-graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

Gonçalo Figueiredo, Província Franciscana Portuguesa

Mariana Leite, Estudante de pós-graduação, FLUP (secretariado)

Patrícia Calvário, Estudante de pós-graduação, FLUP (secretariado)

Entidades organizadoras

Gabinete de Filosofia Medieval / Instituto de Filosofia - FLUP

Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

Província Franciscana Portuguesa

Apoios

Departamento de Filosofia FLUP

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Universidade do Porto

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Gabinete de Filosofia Medieval

gfm-secretariado@letras.up.pt

João Duns Escoto (c. 1265-1308) e as origens da Filosofia Moderna

O franciscano escocês João Duns Escoto (c. 1265-1308) partindo de uma reflexão ancorada na Teologia e com um pensamento marcadamente crítico e original, introduziu nas discussões filosóficas inúmeras inovações conceptuais, argumentativas e doutrinárias sobre a univocidade do ser, os universais, o conhecimento intuitivo e a experiência, as ciências e a sua organização, a natureza da possibilidade, o infinito, a vontade, a liberdade e a providência, a felicidade, o poder e a pobreza, para apenas enumerar algumas. Mestre universitário, Duns Escoto ensinou em Oxford, Paris e Colónia, provavelmente também em Cambridge. Apesar da curta vida de cerca de 42 anos e de ter deixado muitos dos seus escritos incompletos e em curso de revisão, escreveu em cerca de 10 anos uma extensa e muito profunda obra sobre Lógica, Psicologia, Metafísica, Teologia (cfr. <http://www.franciscan-archive.org/scotus/>). A radical profundidade do pensamento de Duns Escoto, inovador a muitos títulos, granjeou-lhe o título de doutor subtil, tornou-o mentor de uma escola e de um modo de pensar de grande influência pelo menos até ao século XVIII e tem justificado nas últimas décadas associá-lo a um *segundo nascimento da Metafísica*.

João Duns Escoto (c. 1265-1308) e as origens da Filosofia Moderna (FLUP 12 a 29 de Novembro de 2008) engloba diversas iniciativas: laboratório de investigação, colóquio internacional, exposição e edição de um guia bibliográfico, lançamento de obras. Especialistas de diversos países (Brasil, Espanha, França, Itália, Portugal) discutem o pensamento de Duns Escoto no horizonte de compreensão das fundações da modernidade filosófica.

Laboratório de formação em investigação.....	4
Exposição bibliográfica	5
Apresentação de livros.....	6
Colóquio internacional de Filosofia	
Programa.....	7
Resumos e Autores	9

12 de Novembro

10,00-17,00 : Sala de reuniões (pisos 2)

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO EM FILOSOFIA MEDIEVAL

Introdução à investigação sobre João Duns Escoto: obras e pensamento

Por:

José Meirinhos (Porto)

Roberto Hofmeister Pich (Porto Alegre)

Cruz González Ayesta (Pamplona)

- 1) *Perspectivas introdutórias: obras, problemas, contexto filosófico*
- 2) *Metafísica e teoria do conhecimento*
- 3) *Natureza e vontade*

O Laboratório é uma introdução prática ao estudo de Duns Escoto nos seus textos.

Máximo de 15 inscrições, por ordem de chegada.

13,00-14,30 Almoço dos participantes.

12 a 29 de Novembro

Biblioteca central da FLUP

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA *JOÃO DUNS ESCOTO E OS ESCOTISTAS. OBRAS E ESTUDOS*

12 de Novembro às 17,30 : Inauguração da Exposição

A exposição bibliográfica *João Duns Escoto (c. 1265-1308) e os escotistas. Obras e estudos* e o pequeno volume guia que lhe serve de suporte foram realizados no âmbito da linha de investigação «Heurística e fontes para o estudo da Filosofia Medieval», do GFM/Instituto de Filosofia, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

A exposição bibliográfica foi um projecto acolhido pela Biblioteca Central da Faculdade assim que foi proposto. Agradecemos esse acolhimento, bem como o incentivo, o cuidado e o interesse postos na sua montagem e acompanhamento pela Dr.^a Isabel Leite.

A exposição e sobretudo o guia reúnem bibliografia sobre João Duns Escoto e o escotismo existente em Outubro de 2008 nas diversas bibliotecas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A maior parte pertence à Biblioteca Central, alguma outra está na biblioteca de Filosofia Medieval do Gabinete de Filosofia Medieval (cotas que começam com GFM), em outras bibliotecas existe também alguma da bibliografia assinalada: Departamento de Filosofia (cotas que começam com DF); biblioteca Pedro Veiga (cotas que começam com PV – fundo da Biblioteca Central); Centro de Lingüística (cotas que começam com CL).

Na secção *Estudos* não se poderia oferecer tudo o que sobre Duns Escoto existe em obras colectivas, por isso atendeu-se apenas às obras catalogadas sob o nome de Duns Escoto ou de escotistas (livros, separatas, volumes monográficos de revistas). Para os contributos de autores portugueses em revistas e obras colectivas deve consultar-se a bibliografia elaborada por Cléber Dias e publicada no volume guia.

Na secção dedicada às *Obras de referência* elencam-se as mais usuais. Esta secção não pretende ser exhaustiva, mas apenas um guia de primeira orientação para quem busca uma leitura introdutória mas nela omitiram-se os capítulos dedicados a Escoto em *Histórias da Filosofia* ou em *Histórias da Filosofia Medieval*.

13 de Novembro

18,00 horas : Sala de reuniões

APRESENTAÇÃO DE OBRAS RECENTES

O movimento editorial sobre João Duns Escoto tem sido em 2007 e 2008 bastante acentuado. No final do primeiro dia de colóquio decorre esta sessão de apresentação de obras recentes publicadas por alguns dos presentes, ou editadas pelas entidades co-organizadoras.

- João Duns Scotus, *Textos sobre poder, conhecimento e contingência*, ed. e trad. Roberto Hofmeister PICH, (col. Pensamento Franciscano, 11) EDIPUCRS, Porto Alegre 2008.
Por César Ribas Cezar
- Juan Duns Escoto, *Naturaleza y voluntad. Quaestiones super libros Metaphysicorum Aristotelis, IX, q. 15*, Trad., introd. y not. de Cruz GONZÁLEZ AYESTA, (Cuadernos de Anuario Filosófico Serie Universitaria 199), Universidad de Navarra, Pamplona, 2007.
Por Manuel Lázaro Pulido
- DEMANGE, Dominique, *Jean Duns Scot, la théorie du savoir*, (col. Sic et non) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 2007.
Por José Meirinhos
- MERINO, José António: *João Duns Escoto. Introdução ao seu pensamento filosófico-teológico*, trad. José David Antunes, Editorial Franciscana, Braga 2008.
Por Gonçalo Figueiredo
- DE BONI, L.A. et al. (org.), *João Duns Scotus (1308-2008). Homenagem dos scotistas lusófonos*, Ed. EST, Porto Alegre 2008.
Por José da Silva Rosa
- *João Duns Scotus (1308-2008)*, org. L.A. DE BONI e R.H. PICH, in *Veritas*, vol. 53, 3 (2008).
Por Maria Leonor Xavier
- PICH, Roberto Hofmeister (ed.), *New Essays on Metaphysics as “scientia transcendens”*, (TEMA 43), FIDEM, Louvain-la-Neuve 2007.
Por Mário Santiago de Carvalho

No final será servido um Porto de Honra.

13 e 14 de Novembro de 2008

Sala de reuniões (pisos 2)

COLÓQUIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA

João Duns Escoto (c. 1265-1308) e as origens da Filosofia Moderna

Programa

13 de Novembro

09,30 Sessão de Abertura

- Prof. Doutor Jorge Alves, Director da Faculdade de Letras
- Prof.^a Doutora Maria de Fátima Marinho, Presidente do Conselho Científico
- Prof.^a Doutora Maria Cândida Pacheco, Presidente do Gabinete de Filosofia Medieval
- Padre Vítor Melícias, Ministro Geral da Província Franciscana Portuguesa

10,00-10,45 Conferência de Abertura

Moderador: Mário Santiago de Carvalho

Prof. Alessandro GHISALBERTI (Milão, Itália), *Il rinnovamento del concetto di libertà in Duns Scotto*

10,45-11,15 Pausa para café

11,15-12,45

Moderador: Roberto Hofmeister Pich

Prof. César Ribas CEZAR (São Paulo, Brasil), *Causalidade e indução em Duns Escoto*

Prof. Dominique DEMANGE (Paris, França), *Structure et unité de la science selon Duns Scot*

13,00-14,30 Almoço

14,30-16,00

Moderador: Maria Leonor Xavier

Prof. Joaquim Cerqueira GONÇALVES O.F.M. (Lisboa), *João Duns Escoto, quando o Infinito abalou a Filosofia*

Prof. Mário Santiago de CARVALHO (Coimbra), *Aliqua est effectibilis ergo aliqua effectiva'. Novidade e originalidade da Filosofia*

16,00-16,30 Pausa para café

16,30-18,00

Moderador: José Rosa

Dr. Gonçalo FIGUEIREDO O.F.M. (Lisboa), *Se a liberdade da vontade e a necessidade natural podem coexistir no mesmo sujeito em relação ao mesmo acto e objecto*

Prof.^a Cruz GONZÁLEZ AYSTA (Pamplona, Espanha), *A Paradox in Scotus' Account on Freedom of the Will*

18,00 : **APRESENTAÇÃO/LANÇAMENTO DE OBRAS RECENTES**

14 de Novembro

Sala de reuniões (piso 2)

9,30-11,00

Moderador: Manuel Lázaro Pulido

Prof. Santiago ESCOBAR GÓMEZ (Madrid, Espanha), *Elementos de filosofia árabe en el pensar de Duns Escoto*Prof. José da Silva ROSA (Covilhã), *Da metafísica da contingência à existência como liberdade em J. D. Escoto*

11,00-11,30 : Pausa para café

11,30-13,00

Moderador: José Meirinhos

Prof. Francisco LEÓN FLORIDO (Madrid, Espanha), *Claves escotistas en el pensamiento político moderno: distinción formal y potencia absoluta*Prof. Marco FORLIVESI (Padova, Itália), *L'unità di una scienza asimmetrica: la natura della metafísica secondo Gabriele Zerbi, Jan di Głogów e Antonio Trombetta*

13,00-14,30 Almoço

14,30-16,00

Moderador: Gonçalo Figueiredo

Prof. Manuel LÁZARO PULIDO (Cáceres, Espanha), *El ser unívoco, profundidad ontológica de la analogía estética. La metafísica franciscana*Dr. José Maria da Costa MACEDO (Porto), *Individualidade e individuação em Duns Escoto: perspectivas e interrogações*

16,00-16,30 Pausa para café

16,30-18,00

Moderador: Maria Cândida Pacheco

Prof.^a Maria Leonor XAVIER (Lisboa), *O sentido da perfeição: João Duns Escoto e a regra anselmiana de selecção dos atributos divinos*Prof. Roberto Hofmeister PICH (Porto Alegre, Brasil), *Cognição intuitiva e modalidades epistémicas*Prof. Luís Alberto DE BONI* (Porto Alegre, Brasil), *As perfeições puras como transcendentais em Duns Scotus*

* Presença a confirmar

18,00

Sessão de Encerramento

— P.e Vítor Melícias O.F.M., Ministro Geral da Província Franciscana Portuguesa.

— Prof. Roberto Hofmeister Pich, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

— Prof. José Meirinhos, Universidade do Porto / GFM

Resumos e autores

Carvalho, Mário Santiago

«Aliqua est effectibilis ergo aliqua effectiva»: Novidade e originalidade da Filosofia

A presente comunicação examina sobretudo o par metafísico da causalidade eficiente (no Tractatus e no Ordinatio) para dele retirar algumas conclusões, quer na ordem da História da Filosofia, quer na da Filosofia e do seu trabalho. Assim, sendo embora uma interpretação que toma por base o pensamento de Escoto, mormente o seu enquadramento histórico-filosófico e a hermenêutica de textos mais selectos a propósito da metafísica da causalidade, pretende ser uma reflexão também «in via Scoti».

Mário Santiago de Carvalho é Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Lecciona sobretudo as áreas de História da Filosofia e Metafísica. É autor de vários livros no âmbito da Filosofia Medieval, tradutor e membro da S.I.E.P.M. Traduziu a obra de João Duns Escoto, «Tratado do Primeiro Princípio».

Cezar, Cesar Ribas

Indução e causalidade em Duns Escoto

In this paper I try to reconstruct the position of Duns Scotus about induction. He is conscious of the logical jump that occurs in induction. Nevertheless, he says that there is a rational justification for it. I shall, therefore, initially explain what he understands by the first principles of knowledge, i.e. propositions, whose truth we *de facto* recognize without any doubt and that are the basis of all sure knowledge. Then, I clear up briefly the principle of causality, trying to show, that for him this is one of the first principles of knowledge and that it is valid not only in our mind, but also in the real world outside. Thereupon, I present the two kinds of induction: the ‘perfect’ induction, that occurs when we discover a first principle, that explains the empirical data beyond any doubt, and the ‘imperfect’ induction, whose validity is not absolutely indubitable. At the end, I make some remarks about the plausibility and the limits of his position, contrasting it with some theses of Hume and Kant.

Demange, Dominique

Structure et unité de la science selon Duns Scot

Duns Scot a développé une théorie originale, et même novatrice de l'unité et de la structure de la science. Son étude est particulièrement utile pour appréhender correctement les grandes questions d'épistémologie, comme la possibilité de la théologie ou la structure de la métaphysique. Dans cet article, je me propose d'examiner cette théorie de l'unité de la science, et d'en discuter les implications et conséquences.

Les prédécesseurs de Duns Scot (Thomas d'Aquin et Henri de Gand) soutiennent sur cette question une théorie que je nommerai *la théorie de l'unité formelle*. Toute science correspond dans l'âme à un habitus unique, habitus qui produit la forme cognitive unique (*ratio cognoscendi*) sous laquelle toutes les choses sont appréhendées dans cette science. Duns Scot rejette cette théorie. L'examen des arguments de Duns Scot montre qu'il renverse totalement la théorie jusqu'ici admise: l'unité de la science n'est pas celle d'un habitus simple, mais celle d'un objet, en tant qu'il «contient virtuellement» – c'est-à-dire précontient causalement – toute la connaissance possible dans cette science. Il s'agit donc d'un «renversement copernicien»: l'unité de la science ne consiste plus dans l'unité d'un habitus intellectuel, mais dans l'unité d'un objet, qui peut produire une multiplicité d'habitus intellectuels, un *complexum speculandi*. Dans le livre VI de ses *Questions sur la métaphysique*, Duns Scot développe cette nouvelle théorie, en proposant une authentique épistémologie générale, qu'il applique directement à la division des sciences spéculatives réelles (métaphysique, physique, mathématique). L'étude de ce texte nous fait entrer dans l'architecture scotiste, et nous offre une perspective assez différente de celle que l'on propose habituellement, fondée sur les principes de l'universalité transcendantale. Ainsi, avec Duns Scot nous n'assisterions pas tant à l'émergence d'une *scientia transcendens*, et encore moins *transcendentalis*, qu'à la mise en place d'une théorie de l'objectivité scientifique – la mise en place d'une théorie de la science qui ne reposerait pas tant sur des fondements conceptuels métaphysiques, que bien plutôt sur une logique de la pensée objective.

Dominique Demange é doutorado em Física Aplicada (Microelectrónica) pela Universit  Paris VII Denis Diderot e doutorado em Filosofia pela  cole Pratique des Hautes études com a tese: «Les Seconds analytiques au xiiiie siècle et la théorie de la connaissance de Jean Duns Scot.»

Algumas publica  es:

Livros:

Jean Duns Scot. La théorie du savoir. (« Sic et Non ») (Paris, J. Vrin, 2007).

Les formes de l'extériorité dans la philosophie de Husserl. (Paris, L'Harmattan, 2000).

Artigos:

«Métaphysique et théorie de la représentation. La question des origines du transcendantalisme revisitée.» A paraître (Revue Philosophique de Louvain).

«La théologie est-elle une science? La réponse de Duns Scot à Godefroid de Fontaines dans le prologue des Reportata Parisiensia.» No prelo (Documenti e Studi sulla tradizione filosofica medievale, 2009).

«Pourquoi Duns Scot a critiqué Avicenne» in Giovanni Duns Scot. Studi e ricerche nel VII Centenario della sua morte, a cura di Martín Carbajo Núñez. Antonianum, Roma, 2008, Vol. I, 195-232.

«Objet premier d'inclusion virtuelle. Introduction à la théorie de la science de Jean Duns Scot.» in Duns Scot à Paris (1302-2002). Ed. par O.Boulnois, E. Karger, J.-L. Solère, G. Sondag. Turnhout, Brepols, 2004, 89-116.

«Iannis Xénakis. Une approche philosophique.» in Le Philosophoïre n°7bis (2004), 201-241.

«La 'définition' aristotélicienne de l'âme», in Le Philosophoïre n°21 (2003), 65-85

«Lacan sur l'origine des psychoses», in Le Philosophoïre n°14 (2001), 115-138

Escobar Gómez, Santiago

Elementos de filosofía árabe en el pensar de Duns Escoto

La ponencia pretende dar cuenta de algunas influencias del pensamiento árabe en el pensamiento de Duns Escoto. Obviamente el capítulo central estará dedicado a la presencia de Avicena en el pensar del autor inglés, y para analizar tal se pretende buscar como pudo llegarle dicho pensamiento y, a partir de ello, analizaremos algunos de los temas principales en lo que el pensador persa se halla presente, centrándonos preferentemente en los límites que pone Duns Escoto a la filosofía para el conocimiento de Dios en favor de la teología. Por último señalaremos sus puntos de discordia con Averroes y la puntualización de algunos caminos hasta el momento no suficientemente investigados tales como la presencia de Ibn Gabirol o de Algacel

Santiago Escobar Gómez (Madrid, 1967), doutorou-se pela Universidad Complutense de Madrid com a tese: «Abû Bakr al-Râzî: Vida, pensamiento y obra», tendo antes realizado cursos na Universidade Muhammad V de Rabat (Marrocos) e na Universidade Hebraica de Jerusalém (Israel). Posteriormente também esteve nas universidades de Marburg (Alemanha) e de Córdoba (Espanha).

Professor titular de bacharelato desde 1991, é colaborador habitual de vários projectos da Universidad Complutense de Madrid. Especialista no pensamento árabe clássico, participa em diversas revistas espanholas e internacionais. Além dos artigos publicados em revistas, assinalam-se os seus trabalhos como tradutor da obra de Massimo Campanini e a sua colaboração em livros como *Filosofía y dolor* (Madrid, Tecnos, 2006).

Figueiredo, Gonçalo O.F.M.

Se a liberdade da vontade e a necessidade natural podem coexistir no mesmo sujeito em relação ao mesmo acto e objecto (Quodl XVI)

Para esta apresentação servimo-nos da edição bilingue de Félix Alluntis, *Cuestiones Cuodlibetales*, in *Obras del Doctor Sutil Juan Duns Escoto*, ed. BAC, Madrid. Usaremos a numeração, divisões e sub divisões, títulos e subtítulos que Alluntis propõe na sua tradução.

Supõe um claro avanço em relação ao necessitarismo grego;

Segue fundamentalmente o caminho aberto por Santo Agostinho e Santo Anselmo, o que representa uma clara adesão ao pensamento cristão referente à natureza da vontade e nas relações, entre a necessidade natural, como modo de agir do princípio agente natural, e a liberdade como modo do agir do princípio agente livre.

A concepção de liberdade como autodomínio e autodeterminação da vontade.

«A necessidade e a liberdade repugnam, parece, mutuamente» (n. 2)

«Disto ficou suficientemente patente que há contradição em que haja movimento natural e livre a respeito do mesmo (sujeito)» (n. 2).

Depois do preâmbulo inicia-se a questão que se decompõem noutras três: 1. Se há necessidade em algum acto da vontade (art. 1); 2. Se há liberdade na vontade (art. 2); 3. Se por vezes se pode dar a necessidade com a liberdade (art. 3).

1. Primeira prova, tomada de Tomás de Aquino e de Henrique de Gand, diz que «a vontade quer necessariamente o que inclui todo o bem, não pode não querer um objecto que não inclua malícia alguma e que não careça de bem, como é o fim último» (n. 9). Logo, a vontade quer o fim último necessariamente.

2. Segunda prova, tomada dos textos de Aristóteles, diz: «Como é o princípio no especulativo, assim o fim no operativo. Ora bem, o entendimento assenta necessariamente nos princípios de ordem especulativa. Logo a vontade assenta necessariamente o último fim na ordem prática» (n. 10).

3. Terceira prova, semelhante à primeira: «A vontade quer necessariamente aquilo por cuja participação quer tudo o que quer. O último fim é tal. Logo quer necessariamente» (n. 11).

a. Necessidade da imutabilidade (*necessitas immutabilitatis*), que exclui a possibilidade de que sucede o oposto ao que se dá, e b. Necessidade de inevitabilidade de todo o modo (*necessitas omnimodae inevitabilitatis*) ou de determinação, que não só exclui a possibilidade de que suceda o oposto ao que de facto se dá, mas que exclui totalmente que o oposto possa dar-se (n. 27).

A vontade move-se a si mesma livremente no acto de querer. A razão desta oposição é que «A causa da gravidade é natural, a vontade é livre. Razão: A vontade é vontade, e o grave é grave». (n. 45).

Com esta questão XVI Escoto dá-nos conta da originalidade e da modernidade do conceito de liberdade. Afasta-se do determinismo e necessitarismo grego, e apresenta a liberdade para além de um mero indeterminismo, pela autodeterminação livre e racional até ao bem.

e Humanas –Universidade Nova de Lisboa. Frequenta actualmente o 2º ciclo de Filosofia na Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra.

Ghisalberti, Alessandro

Il rinnovamento del concetto di libertà in Duns Scoto

L'obiettivo della relazione è quello di dare risalto al nuovo paradigma proprio dei maestri della scuola francescana, e di Duns Scoto in particolare, circa il modo di intendere la libertà, sia in riferimento alla originaria libertà della volontà di Dio, sia in rapporto all'autodeterminazione della volontà umana.

La genesi del nuovo paradigma viene ricondotta a due punti storicamente molto rilevanti: la critica al necessitarismo residuo nella teologia razionale di Aristotele, critica richiesta dagli articoli del *Sillabo* emanato dal vescovo di Parigi Stefano Tempier nel 1277, e la nuova concezione dell'Onnipotenza divina elaborata nell' *Ordinatio* di Duns Scoto.

Dalla trattazione della libertà radicale di Dio messa in connessione con la sua onnipotenza, come dalla critica all'impianto fondamentalmente deterministico della teologia razionale di Aristotele, è conseguita una nuova prospettiva circa il concetto di libertà: la libertà divina è autodeterminazione assoluta della volontà di Dio, e la creazione viene intesa come espressione della originaria gratuità del volere di Dio, ossia del suo amore. Duns Scoto trasferisce poi il modo di pensare la libertà in Dio al piano della libertà dell'uomo: in quanto agente libero, anche nell'uomo si deve distinguere un agire in modo originario (*facere absolute*) e un agire secondo un ordine (*facere ordinate*). Il primo modo configura la libertà di autodeterminazione, che sottostà alle condizioni ontologiche dell'esistenza umana, ma con ciò non viene impedita la consapevolezza del soggetto di essere all'origine delle proprie azioni mediante la decisione di volere o non volere; il non volere o l'astenersi dal volere configura già l'ambito della libertà di decisione.

Alessandro Ghisalberti é Professor ordinário (catedrático) e docente de Filosofia Teorética e de História da Filosofia Medieval na Facoltà di Lettere e Filosofia da Università Cattolica del Sacro Cuore de Milão. Desempenha a função de Director do Departamento de Filosofia. É director da *Rivista di Filosofia neo-Scolastica*".

Principais volumes publicados:

Guglielmo di Ockham, Milano, 1972 (con quarto reimpressões sucessivas; Tradução em português, Porto Alegre 1997).

Giovanni Buridano dalla metafisica alla fisica, Milano, 1975 (duas reimpressões)
Introduzione a Ockham, Roma-Bari, 1976 (três reimpressões)

Le "Quaestiones de anima" attribuite a Matteo da Gubbio. Edizione del testo, Milano, 1981

Medioevo teologico. Categorie della teologia razionale nel Medioevo, Roma – Bari, 1990; reimpressão 2005.

Giovanni Duns Scoto: filosofia e teologia, Milano, 1995 (colectânea de ensaios de vários autores).

Invito alla lettura di Tommaso d'Aquino, Cinisello Balsamo 1999.

Traduzione italiana e commento di: Tommaso d'Aquino, *Trattato sull'unità dell'intelletto*, Milano 2000.

Dalla prima alla seconda Scolastica, Bologna 2000 (colectânea de ensaios de vários autores)

As raízes medievais do pensamento moderno, Porto Alegre 2001.

Il pensiero filosofico e teologico di Dante Alighieri, Milano 2001 (colectânea de ensaios de vários autores).

La filosofia medievale, Firenze 2006.

Dante e il pensiero scolastico medievale, Milano 2008.

Gonçalves, Joaquim Cerqueira O.F.M.

Quando o Infinito abala a Filosofia

Tomando como ponto de partida a experiência da contingência, inerente à acção humana, João Duns Escoto altera a definição comumente admitida, mesmo pelos pensadores cristãos, de contingente – o que pode ser ou não ser –, considerando-o, positivamente, como o que pode ser de infinitos modos diferentes, de que decorre a inclusão da contingência no próprio acto criador, que, por isso mesmo, só é possível num Ser que é infinito.

Exigida a dimensão do infinito para salvaguarda da contingência, é necessário congruar o infinito com o ser, o que foi viável pelo constitutivo processo de radicalização filosófica da noção de ser, dissociando-o de todas as suas determinações.

Permanecendo sempre, assumidamente, no plano do ser, João Duns Escoto, devido à sua fina noção de distinção, dissociou o ser de todas as características que o contraíam, rejeitando, inclusivamente, as características que Parménides lhe apontava.

Dessa forma, a infinitude deixa de colidir com a noção de ser.

Joaquim Cerqueira Gonçalves é sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Letras; Secção de Sociologia e Outras Ciências Sociais e Humanas). É licenciado em Filosofia Escolástica, pelo Instituto Católico de Tolosa, França (1957) e em Filosofia, pela Faculdade de Letras de Lisboa (1962) com uma dissertação intitulada *Distinção de Essência e Existência no Pensamento de João Duns Escoto*. Em 1970 doutorou-se em Filosofia, pela Universidade de Lisboa, com a tese *Homem e Mundo em São Boaventura*. Tornando-se professor de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a partir 1963 (Prof. Catedrático em 1978, jubilado em 2000)

Principais obras:

- *Em louvor da vida e da morte: ambiente - a cultura ocidental em questão* (Lisboa, Colibri, 1998)

- *Fazer Filosofia - Como e Onde?* (Braga, Ed. Faculdade de Filosofia da Universidade Católica 1990, 2ª Ed. 1995)

- *Humanismo Medieval*, I: *A Natureza do Indivíduo em João Duns Escoto*, II: *Franciscanismo e Cultura* (Braga, Ed. Franciscana, 1971)

- *Homem e Mundo em São Boaventura* (Braga, Ed. Franciscana, 1970)

González-Ayesta, Cruz

A Paradox in Scotus' Account on Freedom of the Will

Scotus describes freedom of the will as self-determination and ability to act otherwise. This two features can be found when Scotus talks about creature's wills (human or angelic) and when he talks about divine will *ad extra*, that is regarding finite objects. However, when Scotus explains how the divine wills *ad intra* –that is regarding an infinite object (God himself)–, he says that the will's act is necessary and free at the same time. This means that divine will *ad intra* is self-determined but not indifferent regarding opposite objects. The problem, then, is how freedom as such should be understood. The aim of this paper is to show in detail this paradox in Scotus teaching on freedom of the will, and to provide some sort of solution according to the texts.

In order to do so the paper will be divided into three sections. The first one is devoted to put forward Scotus's view on freedom. In the second one, three different interpretations of Scotus account are discussed. The third and conclusive section tries to provide a solution for the problem posited.

Cruz González-Ayesta (Gijón, España 1969) é doutorada em Teologia (1997) e Filosofia (2004). É Professora do Departamento de Filosofia da Universidade de Navarra, Pamplona, onde lecciona Seminario de textos Medievales e Teoría del Conocimiento

As suas principais áreas de investigação são Filosofia Medieval (s. XIII-XIV): Tomás de Aquino e Duns Escoto; teoria do conhecimento.

Algumas publicações:

- Juan Duns Escoto, *Naturaleza y voluntad. Quaestiones super libros Metaphysicorum Aristotelis IX, q. 15*. Introducción, traducción y notas de Cruz González-Ayesta, Cuadernos de Anuario Filosófico, Serie universitaria n. 199 (Pamplona, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2007).
- «Les définitions du *verum* chez Thomas d'Aquin. Utilisation et synthèse des sources traditionnelles», *Revue Thomiste* 107 (2007).
- *El intelecto agente en santo Tomás: lumen y hábito*, in Maria Cândida Pacheco-José Francisco Meirinhos (eds), *Intellect et imagination dans la Philosophie Médiévale / Intellect and Imagination in Medieval Philosophy / Intelecto e imaginação na Filosofia Medieval. Actes du XIe Congrès International de Philosophie Médiévale de la Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale (S.I.E.P.M.), Porto, du 26 au 31 août 2002*, III, (Rencontres de philosophie médiévale, 11) (Turnhout, Brepols Publishers, 2006).
- «Tomás de Aquino en el debate entre internalismo y externalismo», *Anuario Filosófico* 29/3 (2006)
- *La verdad como bien* (Pamplona, Eunsa, 2006)
- (como editora) *El alma humana: esencia y destino* (Pamplona, Eunsa, 2006)
- «*Verum est quoddam bonum*. La verdad como perfección del hombre según Santo Tomás». *Anuario de Historia de la Iglesia* 14 (2005) 440-446.
- *Inmediación y mediación en el conocimiento de la verdad. La perspectiva de Tomas de Aquino*, en AA. VV., *Proceedings of the International Congress on Christian Humanism in the third Millennium. The perspective of Thomas Aquinas* (Vaticano, Pontificia Academia Sancti Thomae Aquinatis, 2005)
- *Acerca de la noción de existencia cristiana*, en T. TRIGO (ed.), *Dar razón de la esperanza* (Pamplona, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2004).
- *Hombre y verdad. Gnoseología y antropología del conocimiento en las Q. D. De Veritate* (Pamplona, Eunsa, 2002)
- «Scotus's interpretation of the difference between *voluntas ut natura* and *voluntas ut voluntas*», *Franciscan Studies* (2008) – no prelo

- «Scotus's interpretation of *Metaphysics* 9, 2: On the distinction between nature and will», *Proceedings of the ACPA* 81 (2008) – no prelo
- «Duns Scotus on Synchronic Contingency and Free Will: The Originality and Importance of his Contribution», *Archa Verbi Subsidia* (2009) – no prelo

Lázaro Pulido, Manuel

El ser unívoco, profundidad ontológica de la analogía estética. La metafísica franciscana.

El momento filosófico-teológico en el que desarrolla su pensamiento Juan Duns Escoto es diferente al de sus predecesores. Los requerimientos y desafíos del pensamiento de Aristóteles se expresan de una forma más exigente que en las generaciones de maestros franciscanos del siglo XIII apegados a la filosofía platónico-agustinista. El concepto de la univocidad del ser es, sin duda, una concepción lógico-metafísica que supone un hiato respecto a la doctrina de la analogía del ser expresada de forma paradigmática por san Buenaventura. Señalaremos el pensamiento de la univocidad del ser en Duns Escoto y de la analogía del ser en san Buenaventura para ver si existe en realidad una ruptura entre ambos, o si no es en realidad la postura de Escoto el resultado de una profundización en la perspectiva ontológica del ser como una óptica profunda de lo que en san Buenaventura es una metafísica estética. De modo que sin negar la insatisfacción que en Escoto provoca la doctrina de la participación y la vía negativa del conocimiento del ser de Dios, sin embargo, quizás no implica una disonancia con la mirada del Doctor Seráfico. Se trataría de dos opciones en tiempos de pensamiento distintos sobre la misma base de contemplación franciscana. Una teniendo en cuenta las necesidades de la especulación desde la ciencia (Duns Escoto), y otra desde la opción especulativa y contemplativa de la sabiduría (san Buenaventura)

Manuel Lázaro Pulido (Barcelona 1970) é doutorado em Filosofia pela Universidad Pontificia de Salamanca, tendo realizado estudos de Filosofia no Institut Catholique de Paris, na École Pratique des Hautes Etudes, (Section V - «Sciences Religieuses») e na Université Paris 1 (Pantheon-Sorbonne). É membro da Sociedad de Filosofia Medieval (SOFIME) e a Société International pour l'Étude de la Philosophie Médiéval (SIEPM).

Director e professor efectivo de Filosofia no Instituto Superior de Ciencias Religiosas “Santa María de Guadalupe” da Província Eclesiástica de Mérida-Badajoz (UPSA); é ainda professor de Filosofia no Instituto Teológico de Cáceres (UPSA), professor da Escuela Superior de Estudios Franciscanos da Província Ibérica da Ordem Franciscana Capuchinha e professor de Filosofia no Colegio Sagrado Corazón de Cáceres.

Colabora com diversas revistas de pensamento medieval e franciscano, dirigindo *CAURIENSIA. Revista anual de Ciencias Eclesiásticas*, publicada pelo Instituto Teológico de Cáceres e Universidad de Extremadura. É director do serviço de publicações da diocese de Coria-Cáceres e do Instituto Teológico de Cáceres. Assinala-se a publicação de *La creación en Buenaventura. Acercamiento filosófico a la metafísica expresiva del ser finito* (Roma, Grottaferrata, 2005).

León Florido, Francisco

Claves escolásticas en el pensamiento político moderno: distinción formal y potencia absoluta

Como es bien sabido, la distinción formal *ex natura rei* y la noción de la *potentia Dei absoluta* son dos de los elementos doctrinales más significativos dentro de la aportación de Duns Escoto al debate escolástico. El propósito de esta ponencia es explorar algunos de los planos en que estas dos propuestas conceptuales sirvieron para configurar los principios estructurales del pensamiento político moderno. En lo que sigue, somos particularmente deudores de los trabajos del profesor de Lausana André de Muralt en torno a la aplicación del método de las estructuras de pensamiento a la filosofía política moderna, tal como ha sido explicitado especialmente en su obra: *La estructura de la filosofía política moderna de Ockham a Rousseau*.

Francisco León Florido é Professor da Faculdade de Filosofia (Departamento Filosofia III: Hermenéutica y Filosofía de la Historia) da Universidad Complutense de Madrid.

Algumas publicações recentes:

Livros:

Ética y consenso, Madrid, Ediciones La Tarde libros 2006

1277. La condena de la Filosofía, Madrid, A parte rei Revista de Filosofía 2007

Artigos:

«Dios como causa cuasi-remota. La polémica de Duns Escoto con el tomismo, en 'Tractatus de primo principio' I». Augustinus. Revista trimestral publicada por los agustinos recoletos. Julio-Diciembre, 2002, Madrid, pp. 385-410

«La controversia entre filósofos y teólogos en el pensamiento de Duns Escoto». Augustinus. Revista trimestral publicada por los agustinos recoletos. Nº 51. 2006, pp. 53-77.

«Translatio studiorum: traslado de los libros y diálogo de las civilizaciones en la Edad Media» Revista general de información y documentación, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense, Escuela Universitaria de Biblioteconomía y Documentación, 2005, vol. 15 num. 2, pp. 51-77.

«El escepticismo. De la Teología Medieval a la Filosofía Moderna: Robert Holkot y René Descartes», Revista de Filosofía Medieval. Naturaleza y persona. Sociedad de Filosofía Medieval. Nº 13, Servicio de publicaciones de la Universidad de Zaragoza, 2006, pp. 181-190.

«¿Puede Dios cambiar el pasado? La intervención de Duns Escoto en la polémica sobre el poder de Dios». Estudios Filosóficos. Revista de investigación y crítica. Año 2007, vol. LVI, nº 162, pp. 269-297.

Macedo, J. M. da Costa

Individualidade e individuação em Duns Escoto: perspectivas e interrogações

Como em vários outros aspectos da sua obra, a abordagem do princípio de individuação aproxima da modernidade o pensamento de Duns Escoto sem cortar com as exigências filosóficas de fundamentar extraconceptualmente e trans-subjectivamente a própria universalidade dos conceitos. Comparada com a diferença específica, mas sem por isso ser uma nova diferença do mesmo tipo, a individualidade - insubstituibilidade de cada ser não pode explicar-se por qualquer elemento de inferioridade como v.g. a matéria ou qualquer acidente. E a própria integração do

indivíduo do lado da essência e não da existência é, dentro desse sistema, uma via de valorização. Que interrogação nos sugere esta forma de pensar de Duns Escoto sem sairmos da própria *Via Scoti*?

José Maria da Costa Macedo é docente aposentado. Foi professor de Filosofia Medieval e de diversas outras disciplinas no curso de licenciatura em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Traduziu o *Proslogion* de Anselmo de Cantuária e textos associados e a *Questão sobre a eternidade do mundo* de Tomás de Aquino. Publicou diversos estudos em revistas e obras nacionais e estrangeiras, principalmente sobre autores e temas medievais.

Pich, Roberto Hofmeister

Cognitio intuitiva e modalidades epistêmicas

No âmbito da epistemologia ou, mais exatamente, da teoria scotista da cognição, a distinção entre «cognição abstrativa» (*cognitio abstractiva*) e «cognição intuitiva» (*cognitio intuitiva*) se destaca. Não menos destacadas são a dificuldade em interpretá-la com precisão e, não obstante isso, a enorme recepção que experimentou no século 14 – tanto em círculos scotistas quanto em Ockham e no ockhamismo. Boa parte dos problemas interpretativos se deve ao contexto de surgimento e formulação dos textos respectivos: contextos especulativos sobre *theologumena* como o conhecimento intelectual dos entes angélicos, da alma de Cristo ou caracterizado pela visão beatífica. Por outro lado, e esse é o problema filosófico mais interessante, o par conceitual aparece como divisor de modos de conhecimento – em especial, do conhecimento direto *versus* o indireto, do conhecimento mediado *versus* o imediato, do conhecimento com a mediação de uma *species versus* o sem a mediação de uma *species*, etc.

Na intenção de oferecer uma interpretação relevante da *cognitio intuitiva* para o «nosso conhecimento» *pro statu isto* e, pois, para uma teoria do conhecimento perceptual, pretendo explicar o sentido básico da concepção scotista da *cognitio intuitiva* como modo de conhecimento. Para tanto, serão analisadas passagens reconhecidamente centrais, bem como apontamentos recentes entre pesquisadores. Caberá, portanto, enfatizar o que significa conhecer um objeto *ut praesens* e *ut existens*: esses dois últimos termos devem ser entendidos como modalidades epistêmicas, favorecendo uma concepção de realismo direto e de percepção direta.

Roberto Hofmeister Pich licenciou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil) e em Teologia pela Escola Superior de Teologia (Brasil). É doutorado em Filosofia pela Rheinische Friedrich Wilhelms Universität Bonn (Alemanha) e em Teologia pela Escola Superior de Teologia (Brasil). Possui um pós-doutoramento pela Universität Tuebingen – Eberhard-Karls (Alemanha) e outro pelo

Albertus-Magnus-Institut (Alemanha). Actualmente é professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e membro de corpo editorial da *Intuitio*.

Alguns títulos publicados:

- PICH, R. H. (Org.) . *New Essays on Metaphysics as Scientia Transcendens*. 1. ed. Louvain-la-Neuve: Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, 2007. v. 1. 405 p.
- PICH, R. H. (Org.) ; BONI, Luís Alberto de (Org.) . *A recepção do pensamento greco-árabe e judaico no Ocidente medieval*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004
- PICH, R. H. . *As principais posições de Scotus na primeira parte do Prólogo à Ordinatio*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003
- PICH, R. H. . *Der Begriff der wissenschaftlichen Erkenntnis nach Johannes Duns Scotus*. Bonn: Universität Bonn, 2001. 586 p

Capítulos de livros:

- PICH, R. H. . *Prefácio a João Duns Scotus, Textos sobre Poder, Conhecimento e Contingência*. João Duns Scotus, Textos sobre Poder, Conhecimento e Contingência. 1 ed. Porto Alegre, Bragança Paulista: Edipucrs, Edusf, 2008, v. 1, p. 7-22.
- PICH, R. H. . *Contingência e Liberdade*. João Duns Scotus, Textos sobre Poder, Conhecimento e Contingência. 1 ed. Porto Alegre, Bragança Paulista: Edipucrs, Edusf, 2008, v. 1, p. 23-83.
- PICH, R. H. . *Introduction*. In: PICH, R. H.. (Org.). *New Essays on Metaphysics as Scientia Transcendens*. 1 ed. Louvain-la-Neuve: Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, 2007, v. 1, p. 11-27.
- PICH, R. H. . *Infinity and Intrinsic Mode*. In: PICH, R. H.. (Org.). *New Essays on Metaphysics as Scientia Transcendens*. 1 ed. Louvain-la-Neuve: Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, 2007, v. 1, p. 159-214.
- PICH, R. H. . *Untersuchungen zu Scotus's Rezeption der wissenschaftlichen Methodologie des Alhazens (Ibn al-Haythams)*. In: SPEER, Andreas; WEGENER, Lydia. (Org.). *Miscellanea Mediaevalia 33 - Wissen über Grenzen*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2006, v. 33, p
- PICH, R. H. . *Duns Scotus: instante de tempo e instante de natureza*. In: SOUZA, José Antônio de C. R. de. (Org.). *Idade Média: tempo do mundo, tempo dos homens, tempo de Deus*, org. por José Antônio de C. R. de Souza, Porto Alegre, EST Edições, 2006. 1 ed. Porto Alegre: EST Edições, 2006, v. , p. 129-140.

Rosa, José Maria da Silva

Da metafísica da contingência à existentia como Liberdade em J. D. Escoto

Uma das novidades do pensamento de J. Duns Escoto, que de facto o coloca já no horizonte de uma certa Modernidade, diz respeito ao lugar fundamental que a liberdade da vontade — divina e humana — tem na instauração do novo: seja na novidade radical que constitui a criação divina *ex nihilo*, seja a novidade inscrita no mundo pela liberdade humana.

Ora a condição de possibilidade da liberdade da vontade *qua talis*, para atalhar caminho a todos os tipos de necessitarismo, é a contingência radical de todos os começos. Donde a importância de meditar, quer a montante sobre a metafísica da contingência das criaturas queridas Deus a partir de um horizonte de infinitas possibilidade de ser, quer a jusante sobre a *visée d'infini* que perpassa a liberdade humana e a constitui como existência indeterminada (por excesso). É na realidade concreta da *Pessoa* que tal *existentia* tem o seu ápice.

José Maria da Silva Rosa, Licenciatura (1993), Mestrado (1997) e Doutoramento (2005) em Filosofia Medieval na Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Professor nesta Universidade de 1993 a 2002. Actualmente Professor Auxiliar no Curso de Filosofia da Universidade da Beira Interior (Covilhã, Portugal). Entre outras publicações, assinalem-se:

- *Em busca do Centro. Investigações sobre a noção de Ordem na obra de Santo Agostinho (Período de Cassiciaco)*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 1999
- *O Primado da Relação. Da intencionalidade trinitária da filosofia*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2007;
- *Introdução e Notas* da edição bilingue (latim / português) da obra de Santo Agostinho, *De Trinitate*, Lisboa, Paulinas / Santuário de Fátima, 2007.

Xavier, Maria Leonor

A subtil influência de Anselmo na filosofia do Doutor Subtil

Longe de ser uma referência desconhecida para João Duns Escoto, Anselmo de Cantuária foi uma influência respeitada e assumida pelo Doutor Subtil, como o comprovam os múltiplos elementos que explícita e criticamente retoma da herança anselmiana. Mas, para além desses elementos, há conteúdos ainda subsumíveis nesta herança, que mereceram de Duns Escoto uma singular apropriação, atingindo mais do que superficialmente o seu pensamento filosófico-teológico. São esses conteúdos que assinalam uma subtil influência de Anselmo na filosofia do Doutor Subtil. Por tal subtil influência entendemos, não propriamente uma dívida escondida que de algum modo embaciasse o brilho especulativo do pensamento escotista, mas sim a partilha do que, em Anselmo, é vislumbre antecipador e, em Escoto, obtém cabal desenvolvimento. São tais laços de partilha que unem grandes filósofos numa mesma família de pensamento. Ora, entre os conteúdos que, neste espírito, consideramos anselmiano-escotistas, destacamos aqui dois, ambos pertencentes à metafísica escotista do primeiro princípio: um é a dedução do conceito de insuperável; e o outro é a relação única entre possibilidade e existência, no caso do primeiro princípio.

Maria Leonor Lamas de Oliveira Xavier é Professora Associada do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde lecciona Filosofia Medieval, entre outras disciplinas. Membro da Sociedade Internacional para o Estudo da Filosofia Medieval (SIEPM), do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL) e da Sociedade Portuguesa de Filosofia Medieval (SPFM). Autora de: «Introdução e Comentários» a *O Mestre, de Santo Agostinho* (Porto, Porto Editora, 1995); *Razão e Ser. Três Questões de Ontologia em Santo Anselmo* (Lisboa: FCT/FCG, 1999); *Questões de Filosofia na Idade Média* (Lisboa: Colibri, 2007); bem como de dezenas de artigos publicados em obras colectivas e revistas de filosofia. Tradutora de: *Teologia Mística. Textos de Pedro Hispano e Tomás Galo* (Lisboa, Ésquilo / CFUL, 2008). Coordenadora do Projecto de Filosofia FCT/CFUL «A Questão de Deus. História e Crítica» [PTDC/FIL/64249/2006]: www.aquestaodedeus.blogspot.com.